

O BRASIL AINDA É UM
VASTO HOSPITAL?

ESPECIAL

A SITUAÇÃO NO RIO

Texto de EDMAR MOREL

O Brasil ainda é aquele vasto hospital, na sentença de Miguel Pereira, o cientista que, ao proferir a frase, sofreu ataques de todos os lados, por parte dos ufanistas? Como era possível, um gigante, adormecido em berço esplêndido, ser um doente?

Ao certo ninguém sabe a data da queda dele libelo.

Numa recente mesa-redonda promovida pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a mais velha entidade, no gênero, fundada, ainda, no Império, foi debatida a questão da ética jornalística, com relação aos casos que envolvem médicos, em particular, quando deixam pinças na barriga do operado. Na reunião foram discutidos os pontos-chaves: omissão de socorro; de quem é a culpa? Erro médico? Horários médicos? Noticiário sensacionalista da imprensa, etc.

A mesa-redonda teve um erro fundamental, não convidando para os debates os diretores de jornais e os presidentes da ABI e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. A imprensa esteve representada por alguns poucos repórteres, os quais, pela sua função, não traçam diretrizes nos jornais em que trabalham, função única dos seus diretores e proprietários.

O dr. Luís Barbosa da Silva, por exemplo, conhecido otorrinolaringologista, foi positivo, num aparte:

— O médico e o aviador não podem errar: O médico, quando erra, mata, pelo menos, um cliente. O aviador, mata centenas de passageiros.

Na verdade, a Mesa-Redonda não teve maior repercussão, ante dois fatos ocorridos no decorrer da semana da reunião. A denúncia do dr. Paulo Musa, do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais, de que os esculápios estavam mercantilizando a medicina, e o fato de uma senhora, residente no interior da Bahia, ter ficado 18 anos com uma pinça no abdome. Fatos, desta natureza, podem ser omitidos pela imprensa?

Queixam-se, alguns médicos, que a imprensa só noticia os aspectos negativos de sua vida profissional. Quase que, diariamente, os jornais revelam que doentes morreram por falta de socorros médicos e, nestes casos, estão em curso, vários processos. Falou-se, inclusive, na criação de um Código de Ética para a imprensa, no que diz respeito aos erros dos médicos.

Isto, evidentemente, é tarefa dos senhores diretores e proprietários de jornais, os grandes ausentes da Mesa-Redonda.

O BRASIL É OU NÃO É UM VASTO HOSPITAL?

Estamos em julho de 1976. "Brasil em dados 1975", à página 163, transcreve o artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada, em 1948:

— Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família, o bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos etc., etc."

A mesma publicação anuncia que dos 4114 municípios brasileiros, 1.994 não dispõem de qualquer assistência médica. Isto, em outra linguagem milhões de brasileiros não têm assistência médica de espécie alguma, vivendo nas garras dos curandeiros das rezadeiras e dos charlatões que recebem o espírito de um certo "Dr. Fritz" que, ao meu ver, precisa de um agente de seguros contra acidentes. Os três últimos "curandeiros", a começar pelo aventureiro José Arigó, que diziam possuir o espírito do "Dr. Fritz", morreram em acidentes de trânsito.

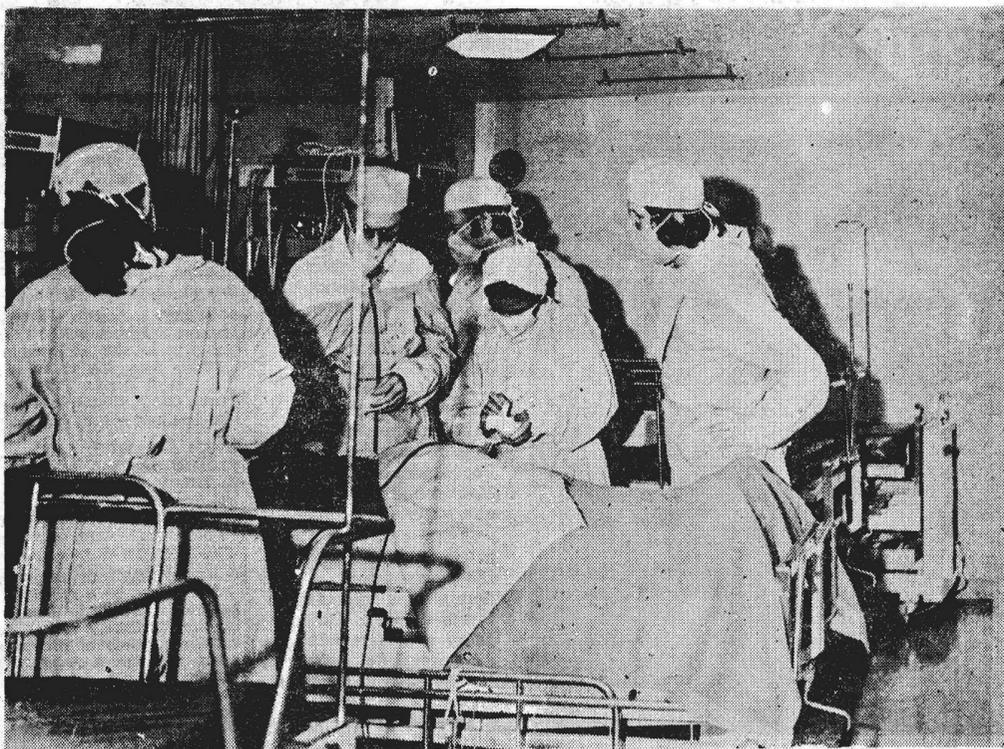
Enquanto 1.994 municípios não têm médicos, em Copacabana existe um médico para cada grupo de 250 pessoas.

Na relação médica, por habitante, o Rio tem 1 por 327; São Paulo, 1 por 1.400 e, no nordeste, 1 por 4.200. Dos 350 mil leitos, revelados pelo Censo de 1970, 140 mil estavam nas capitais, sendo 41.000 no Rio e 24.000 em São Paulo. A distribuição de leitos, por habitantes, é a mais imperfeita possível. Exemplo: o Rio possui 10 leitos por 1.000 habitantes e o Ceará, 2 por 1.000. O número de médicos é mais do que reduzido, tomando como base uma população de 105 milhões. Estima-se em 50.000 o número de médicos, milhares trabalhando em serviços burocráticos, enquanto outros, de há muito, ante os baixos salários, abandonaram a profissão.

O presidente da Federação Brasileira de Hospitais, sr. Helvécio Boaventura Leite, já declarou que o número de leitos caiu 10% no país e apontou as causas: aumento da população e a paralisação do crescimento hospitalar. Há, também, um "deficit" de 30.000 enfermeiras.

A DOENÇA CHEGA COM A ÁGUA

Ainda, de acordo com o Censo de 1970, — revela "Brasil em Dados 1975" — das 16.600.000 residen-



1 — Milhões de brasileiros das chamadas classes baixa e média não podem fazer uma operação em estabelecimento particular pelo seu alto custo e, porque, também, 1.994 municípios não dispõem de recursos médicos de qualquer espécie.

cias existentes no país inteiro, apenas, um terço estava ligada à rede de água encanada e quase um milhão não possuía encanamento interno. O grave é saber que 40.000.000 de pessoas não possuem, qualquer meio regular de abastecimento d'água, enquanto outros 23 milhões servem-se de poços ou nascentes. Apenas 2 milhões de casas tinham rede de esgoto. Resumo: mais de 68 milhões de brasileiros viviam em condições higiênicas negativas. Daí, as cifras ultrajantes: 25 milhões de brasileiros têm anelostomose, o amarelão causado pelas fezes espalhadas pelo chão. De 10 a 12 milhões de brasileiros estão com esquistossomose, com 200.000 casos novos por ano. É a doença provocada pelo caramujo, que vive nos rios e lagoas. Outros 10 milhões têm a Doença de Chagas, causada pelo "barbeiro", inseto que vegeta nas paredes de barro. O resto das enfermidades dispensa comentários já que as cifras não chegam a 10.000.000 por doença...

O ÚLTIMO SÉCULO DA TUBERCULOSE

"Não resta dúvida — disse-me o dr. Luiz Barbosa da Silva — que a tuberculose está vivendo seus últimos anos. O mal que vitimou o poeta John Keats, que os ingleses colocam no mesmo plano de Shakespear, que matou Chopin, aos 40 anos, o genial médico Tchekov e o não menos famoso Roberto Stevenson, sem esquecer de falar dos nossos poetas Castro Alves, Casimiro de Abreu, Raul de Leoni e tantos outros, com a descoberta do bacilo da doença, em 1882, que recebeu o nome de Koch, em homenagem ao seu descobridor, o clínico geral berlinense Robert Koch, está em pleno declínio".

No Brasil, onde o mal ceifou milhões de vidas, no momento, a cifra não ultrapassa a 500.000 e o número de óbitos diminui em cada ano. Para diagnosticar o mal, com um mínimo de recursos financeiros, o notável médico brasileiro Manoel de Abreu descobriu um tipo de chapa de Raios-X, a qual, pelo seu baixo preço, alcançou o Brasil inteiro. Recentemente, a viúva do internacional Manoel de Abreu em entrevista à imprensa, declarou que está vivendo com uma pensão de Cr\$ 1.300,00, do INPS, pois seu marido, como autêntico cientista e extremado amor à Humanidade, não registrou o invento.

A SOCIALIZAÇÃO DA MEDICINA

Em 1948 a Inglaterra criou o Serviço Nacional de Saúde, oferecendo assistência médica para todos seus habitantes. No Brasil, ante a inflação que atinge a todas as classes sociais, em particular, a média, os consultórios dos chamados grandes médicos, pelo alto preço da consulta, não estão mais cheios como antigamente. Ninguém pode negar, honestamente, que a rede hospitalar particular, que chegou a controlar 80% dos nosocômios brasileiros, já não é a mesma de antigamente. A grande maioria mantém convênios com o INPS, que em recente concurso, depois de 20 anos de obstáculos de caráter político-eleitoral, viu inscritos 56.121 médicos e dentistas para aproveitamento imediato de 10.000 candidatos aprovados e até dezembro, mais 5.000. Os estabelecimentos particulares, ante o alto custo operacional e, sobretudo, de material cirúrgico, como a falta de doentes consideraram um convênio com o INPS, com um presente caído do céu.

As Forças Armadas têm amplos serviços médicos, com hospitais dotados do que existe de mais moderno no campo da cirurgia, enquanto milhares de sindicatos mantêm serviços médicos para seus associados. O INPS reaparelhou a sua rede hospitalar e, há anos, tomou uma providência das mais salutares. Unificou todos os nosocômios, acabando com o privilégio de classes. As Santas Casas, por sua vez, em número de 150, atendem à pobreza que não tem INPS e muitas, as melhores aparelhadas, firmaram convênios com o INPS, que estabeleceu os seguintes preços: internação clínica Cr\$ 1.870,00; internação obstétrica, Cr\$ 1.320,00; internação cirúrgica: pequeno porte, Cr\$ 750,00; médio porte, Cr\$ 1.620,00; grande porte, Cr\$ 4.860,00; maior porte, Cr\$ 10.400,00. Serviços ambulatoriais: por con-

sulta médica com todos os atendimentos de diagnóstico e terapêutica agregados Cr\$ 70,00. Existem no Brasil, 4.489 hospitais, sendo 1.996 particulares e 1.757 de sociedades sem fins lucrativos. As cifras mostram que as casas de saúde já não são tão numerosas. Não resta dúvida que a participação de 56.121 médicos e dentistas, num concurso público, para trabalho em hospitais do Governo, é um sinal evidente de que a medicina, no Brasil, marcha para a socialização. É claro que a distribuição deve ter outro critério. O que não é justo é um médico para cada grupo de 250 pessoas em Copacabana e existam 1.994 municípios que nunca viram um médico, um dentista. O que lá existem é o charlatão, com o espírito do "Dr. Fritz", o velho macumbeiro, em eterno pique ou a rezadeira que cura dor-de-dente, espinhela caída e nó nas tripas, com orações e raminhos de arruda. Além, estou para ver um vendedor de ramos de arruda nas feiras-livres que não tenha um braço só, quando não falta uma perna...

Assim, o Brasil jamais deixará de ser o vasto hospital, na sentença de Miguel Pereira, palavras que estouraram os ouvidos dos homens públicos, responsáveis pela saúde do povo brasileiro.

O PRIVILEGIADO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Com a fusão de dois Estados, o Rio de Janeiro é, sem dúvida, a região mais privilegiada em matéria de Saúde Pública. Enquanto em 1994 municípios brasileiros não existem médicos no Rio há um para cada grupo de 227 pessoas. Em São Paulo, o índice é de um para 1.400.

Dispõe de 492 hospitais dos quais 248 localizados no Rio, com 70.250 leitos, sendo 42.543 no Rio.

A média nacional está por volta de 3,5 leitos por mil habitantes, porém, o Rio oferece 10 por mil. Nos hospitais públicos, sendo de destacar a rede do INPS trabalham 11.601 médicos, sendo 8.122 no Rio, 729 dentistas, dos quais 598 no Rio.

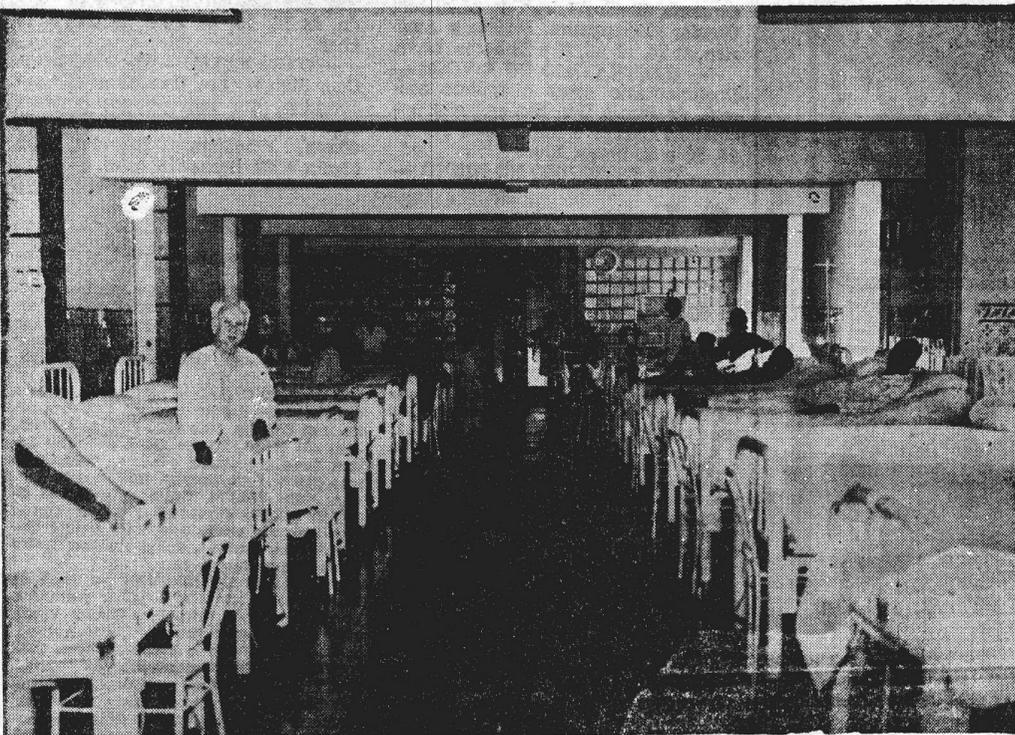
É sabido que o Brasil tem um "deficit" de 30.000 enfermeiros. Nos hospitais do país inteiro funcionam 7.502, sendo 2.172 no novo Estado. O Rio tem 1.827 e 6.379 auxiliares de enfermagem.

Da relação dos hospitais e casas de saúde, apenas, 464 têm fins lucrativos, cifra que revela uma queda sensível no número de casas de saúde particulares, de um ano para outro. Note-se que a grande maioria das casas de saúde e hospitais particulares mantém convênios com o INPS.

O que está acontecendo, no Brasil, em matéria de saúde pública, é que, ante o alto custo de vida e o baixo nível econômico de determinadas classes sociais, o INPS, as Forças Armadas e os Sindicatos têm seus serviços médicos, clínicas especializadas, montadas em modernos aparelhos, esvaziando assim os consultórios dos chamados grandes médicos, cuja consulta varia de 300 e 500 cruzeiros, a medicina brasileira marcha a passo largo para a socialização, a exemplo do que já existe em vários países.

Dispondo de hospitais para todas as enfermidades, menos para o chamado "fogo-selvagem", sendo que o único existente, no Brasil, funciona em S. Paulo, entretanto, no Rio, a doença que provoca mais óbitos é um conjunto de enfermidades de coração que, em 1974, provocou 8.522 mortes. Seguem-se, pela ordem de números, tumores malignos 5.267, pneumonia, com 2.335 óbitos, tuberculose com 1.234. A enterite e outras doenças diarreicas, que são recordes, em quase todos os Estados, na cidade do Rio, ocorreram, apenas, 932 casos, contra 182 em Niterói.

A taxa de mortalidade, por grupo de 100.000 habitantes, é 9,3 no Rio, a qual embora não seja uma cifra das mais baixas do país, não é das maiores. O número de leitos, por mil habitantes na Guanabara, é de 10, enquanto, no Piauí e Maranhão, é de 2.



2 — Em todo o Brasil existem cerca de 400.000 leitos, dos quais 140.000 nas capitais, sendo 41.000 no Rio e 24.000 em São Paulo. As doenças infecciosas e parasitárias, resultantes da subnutrição e da falta de higiene são responsáveis por 40% do total de mortes ocorridas no país, contra 85 a 90% das ocasionadas por diarreias infecciosas, tuberculose, etc.